



O FOGO INVISÍVEL

Em 2017, este romance ganhou o Prêmio Planeta,
concedido pelos seguintes jurados: Alberto Blecuá,
Fernando Delgado, Juan Eslava Galán, Pere Gimferrer,
Carmen Posadas, Rosa Regàs e Emili Rosales.

JAVIER
SIERRA

O FOGO
INVISÍVEL

Tradução

Mariana Marcoantonio



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Javier Sierra, 2017
Copyright © Editorial Planeta, S.A., 2017
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018
Todos os direitos reservados.
Título original: *El fuego invisible*

Preparação: Thaís Rimkus

Revisão: Opus Editorial

Diagramação: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

Capa: Rafael Brum

Imagem de capa: Michael D Beckwith / Unsplash

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Sierra, Javier

O fogo invisível : o segredo mais importante da humanidade
está prestes a ser revelado / Javier Sierra ; tradução de Mariana
Marcoantonio. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2018.

320 p.

ISBN: 978-85-422-1454-3

Tradução de: El fuego invisible

1. Ficção espanhola 2. Ficção histórica espanhola 3. Objetos
de arte - Ficção I. Título II. Marcoantonio, Mariana Castilho

18-1701

CDD-863

2018

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar

Edifício Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo – SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

Pouco antes da grande semana	
De onde vêm as ideias?	13
Três dias em Madrid	
Victoria Goodman	34
Dia 4	
<i>Daimones</i>	113
Dia 5	
Duelo com textos	153
Dia 6	
Visões obscuras	202
Dia 7	
A montanha artificial	292
Epílogo	309
Créditos das imagens	317







Os contadores de histórias nos levam a tempos cada vez mais remotos, à uma clareira do bosque onde crepita uma grande fogueira e onde os velhos xamãs cantam e dançam; o patrimônio de nossos relatos surge do fogo, da magia e do universo dos espíritos. E aí ainda se conserva. Pergunte a qualquer narrador contemporâneo e ele dirá que sempre há um momento em que é tocado pelo fogo, pelo que chamamos de inspiração, e isso vai cada vez mais ao passado, até a origem de nossa espécie, aos grandes ventos que deram forma a nós e ao mundo.

DORIS LESSING,
discurso de aceitação do Prêmio Nobel de Literatura em 2007



MADRID

Misteriosa morte no Parque do Retiro

R. M. – Madrid

Os moradores de Salamanca, bairro da capital, continuam alarmados após um homem de trinta anos ter sido encontrado morto, ontem pela manhã, no extremo nordeste do Parque do Retiro. O corpo do rapaz, que segundo fontes policiais responde às iniciais G. S. P., foi encontrado pelos jardineiros do estabelecimento logo após a abertura, cedo de manhã, e já foi submetido a autópsia no Instituto Médico-Legal da cidade universitária.

“Trata-se de uma morte estranha”, garante a nota enviada aos

meios de comunicação pela delegacia do distrito. “O cadáver apareceu sem indícios de violência, estendido no lago que rodeia a chamada Casinha do Príncipe, aparentemente com todos os pertences intactos. O exame de corpo de delito revelou uma fratura no pescoço; o trauma, no entanto, parece ter sido produzido *post mortem*, provavelmente como consequência da queda no lago.” E ainda: “Solicitamos a colaboração cidadã para este caso. Qualquer pista que ajude na investigação, favor avisar às autoridades pelo telefone 902-102-112 ou pelo site <www.policia.es>”.



POUCO ANTES DA GRANDE SEMANA

De onde vêm as ideias?

1

Com frequência subestimamos o poder das palavras. Estas são uma ferramenta tão cotidiana, tão inerente à natureza humana, que quase não nos damos conta de que uma só pode alterar nosso destino tanto quanto um terremoto, uma guerra ou uma epidemia. Assim como acontece nesses tipos de catástrofe, o efeito transformador de um vocábulo é imprevisível. No decorrer de uma vida, é pouco provável que alguém escape de sua influência. Por isso, é melhor estarmos preparados. A qualquer instante – hoje, amanhã ou no ano que vem –, uma sucessão de letras pronunciadas no momento oportuno transformará nossa existência para sempre.

Meu forte, a propósito, são esses vocábulos. São os “abracadabra”, “abre-te, sésamo”, “te amo”, “*fiat lux*”, “adeus” ou “eureca” que mudam vidas e épocas inteiras, disfarçados às vezes de nomes próprios ou de termos tão comuns que em outras bocas pareceriam vulgares.

Soa estranho. Reconheço. Ao mesmo tempo, sei muito bem do que estou falando.

Eu sou o que se poderia chamar de “especialista em palavras”. Um profissional. Ao menos é o que consta em meu currículo, além do fato de ter me tornado o mais jovem professor de linguística da Faculdade da Santa e Indivisível Trindade da Rainha Elizabeth, mais conhecida em Dublin como Trinity College. Organizei apresentações em congressos em nome dessa tão prestigiosa instituição na Irlanda e no exterior. Escrevi artigos para enciclopédias e até lotei salas de aula dando conferências sobre o assunto. Por isso as palavras são minha obsessão. Meu nome é David Salas e, embora agora talvez tais informações não importem muito, acabei de fazer trinta anos, gosto de esportes e da sensação de que, com esforço, sou capaz de superar meus limites. Pertencço ao clube de remo da universidade, um dos mais antigos do mundo, e venho de uma família abastada. Suponho, então, que deveria estar satisfeito com minha vida. No entanto, neste exato momento, eu me sinto um pouco confuso.

Faz tempo que estudo a etimologia de certos termos, e esse processo se intensificou quando sofri na pele o poder deles. Pois foi exatamente isto – experimentar a força arrebatadora de um substantivo – que aconteceu comigo quando Susan Peacock, a onipresente coordenadora acadêmica da Trinity, se aproximou na última manhã do ano letivo 2009-2010 e disse “aquilo” à queima-roupa, enquanto tomava um café na sala dos professores.

A pergunta foi a verdadeira origem desta peripécia.

— O que você acharia de ir à Espanha por algumas semanas, David?

Talvez eu devesse explicar que Susan Peacock era uma senhora séria, comedida, que não tinha mais de um metro e meio de altura e que quase nunca falava algo só por falar. Se dizia alguma coisa, era preciso prestar atenção.

Espanha?

— Madrid — especificou, antes mesmo de eu questionar.

Naquele instante, juro, alguma coisa se remexeu em mim. Nesses casos, sempre acontece algo do tipo. Assim funciona o alerta sobre a presença de uma palavra especial. Quando a reconhecemos, milhares de neurônios se conectam ao mesmo tempo em nosso cérebro.

“Espanha” teve exatamente esse efeito.

Essa longínqua sexta-feira era véspera das férias de verão. Já não se via nenhum aluno no campus, eu tinha terminado de organizar as pilhas de papéis e anotações com que lidara para finalizar minha tese e estava percorrendo os prédios de humanas em busca de objetos pessoais antes de dar por encerrado o trimestre.

Talvez por isso a proposta de Susan Peacock tenha me surpreendido.

A dra. Peacock era, então, minha superiora imediata e a docente mais respeitada da equipe. Embora tivesse o dobro da idade de quase todos os professores, havia conquistado nossa confiança e nosso respeito à base de perguntas oportunas, conselhos administrativos emitidos no momento adequado e passeios pelos jardins sempre com sábias recomendações acadêmicas. Susan se convertera no oráculo da Trinity College, nossa profetisa particular.

Naquele 30 de julho, chuvoso e fresco, a dra. Peacock pareceu soltar sua pergunta sem uma intenção específica, como se Espanha fosse algo que tivesse acabado de passar por sua cabeça. Tive a impressão de que ela levantara os olhos cinzentos do chão e nomeara esse lugar do mapa sem estar de todo consciente do que invocava.

— Você precisa se divertir um pouco, David — acrescentou, séria.

— Me divertir? — Olhei para ela. — Você acha que não me divirto o suficiente?

— Ah, vamos. Eu o conheço desde que era criança. Inteligente, competitivo, risonho e muito, muito inquieto. Nunca teve tempo de organizar

suas coisas. Eu já o vi escalar montanhas e arrasar adversários nos debates da Philosophical Society. “O menino brilhante”, era assim que nos referíamos a você. E agora? Faz meses que anda por aqui como se fosse uma alma penada. Você não percebe?

Ao ouvir aquela avaliação, senti uma pontada no estômago, mas fui incapaz de retrucar.

— Viu só? — Ela me repreendeu. — Você não reage! Poxa, David. Abra a agenda, escolha uma dessas amigas que vivem com você e tire férias de uma vez. Tenho certeza de que qualquer uma delas adoraria ir junto.

— Susan! — protestei, exagerando o espanto.

Ela riu.

— Além disso — acrescentei —, não sei se o melhor para mim agora é ter outra mulher por perto. Já basta a minha mãe.

— Isso é patético! Você não precisa de nada sério. Escolha alguém inteligente. Não precisa ser da faculdade, se não quiser misturar as coisas, e chegue a um acordo que beneficie os dois. Você me entende. Então, quando o verão terminar, cada um vai para um lado. Não conheço homem com sua presença e sua posição que precise insistir muito para que uma garota aceite um convite assim.

— Imagino que você saiba o que está sugerindo — eu disse, dando um tom sério.

— Claro que sei. Estou fazendo um favor a você, David! Se bem que... — Um sorriso malévolo se desenhava em seus lábios. — Quando for a Madrid, você também poderia reativar alguns de seus bons contatos. Sabe... O acervo da Old Library está sempre aberto a novas aquisições. E nos deram uma pista que seria bom verificar.

Não consegui evitar a risada.

— Agora entendi! Você não está me fazendo um favor. Está propondo que eu continue trabalhando para a Trinity... durante as férias!

— Talvez. — Ela assumiu. — Com certeza você vai gostar de saber que há um colecionador na Espanha disposto a se desfazer de um *Primus calamus* completo, em excelente estado de conservação.

Quase engasguei com o café.

— *Primus calamus* de Juan Caramuel? — repeti, incrédulo. — Você tem certeza?

Susan Peacock assentiu, satisfeita.

— Impossível. — Sacudi a cabeça, deleitando-me diante de um dos títulos mais raros e mais bem ilustrados do *siglo de oro* espanhol. — Foi uma obra tão pouco difundida. Você sabe melhor que eu que em 1663 o autor mandou imprimir pouquíssimos exemplares, só para amigos, e ninguém vê um desde... Como você sabe que não se trata de uma pegadinha?

— Eu não sei, David! Essa é a questão. Quando recebemos a notícia, tentamos localizar o proprietário, mas não conseguimos. Por isso seria bom que você nos ajudasse... Além do mais — acrescentou —, se finalmente adquiríssemos essa preciosidade, deixaríamos você apresentá-la com toda pompa na Long Room da biblioteca. Seria outro bom respaldo para sua carreira.

Olhei para Susan espantado. Minha carreira era exatamente o que havia me levado àquela situação. Lutei tanto por um espaço respeitável no olimpo dos catedráticos que deixei de lado tudo o que havia sido antes: as viagens, os esportes, as aventuras, os amigos, tudo ficou em segundo plano quando embarquei em minha tese. A sra. Peacock sabia que fazia apenas uma semana que eu defendera meu doutorado. Talvez tenha pensado que, com o título debaixo do braço, eu regressaria a minhas “caçadas de livros”.

— E não esqueça que — retomou —, se você for alguns dias à Espanha, terá um descanso de sua mãe.

Minha mãe. Tal menção me fez bufar.

Susan e ela eram bem amigas. Amigas inseparáveis, eu diria. Tinham a mesma idade – de fato, haviam se conhecido fazia mais de três décadas nas festas organizadas nas residências estudantis de Dublin –, e a sra. Peacock foi a única do grupo que conseguiu seguir o ritmo de minha mãe. Susan também era uma das poucas pessoas ali que sabiam pronunciar seu nome à espanhola: um “Gloria” seco, contundente, castiço, não essa espécie de “Glouriah” melodioso que as demais pessoas usavam com ela. E era a única com a insolência necessária para lhe jogar na cara o fato de ter se apaixonado aos sessenta e um anos de idade por um homem muito mais novo e de ter nos anunciado, na tarde em que eu defenderia minha tese, que pretendia se casar em setembro.

— Vamos, garoto. — Sorriu, condescendente, aproximando-se da mesa cheia de embalagens de suco e tigelas de fruta. — Faz quanto tempo que você não encara uma de suas pesquisas bibliográficas?

Eu olhei para ela sem dizer nada.

— Pois é... — Bufou. — Já sei que sua mãe vai se casar com alguém que você não suporta. Mas, goste ou não, eles vão passar o verão inteiro nos preparativos para o casamento, então, quanto mais longe dessa loucura, melhor para você.

— *Primus calamus* é uma boa desculpa. Mas por que agora? Madrid é um forno no verão. Você não podia sugerir um leilão de livros em Paris?

— É preciso de algo mais forte que um simples leilão para esquecer Steven, e você sabe disso — rebateu ela.

A imagem de Steven Hallbright me veio à mente de forma tão incômoda quanto no primeiro dia. Apenas quinze anos mais velho que eu, o namorado de minha mãe era um desses empresários que estudam nos Estados Unidos e

nutrem pretensões de ser como Steve Jobs; oitava geração de irlandeses, dos que ininterruptamente se pavoneiam de suas conquistas. Precisei aguentá-lo em três ou quatro jantares em casa, sempre resguardado atrás de enormes buquês de rosas e munido garrafas do melhor vinho francês. Steven era importador de *hardware*, gestor de uma multinacional de telecomunicações, responsável por um fundo de investimento em tecnologias na bolsa de Dublin e, desde que conhecesse minha mãe, mecenas de cinco ou seis pintores e designers gráficos de que ela gostava. Observando-o, cheguei à conclusão de que ele mantinha um típico complexo de Édipo. De modo algum eu pensava que ele se aproximara de minha mãe por causa do dinheiro dela. Minha impressão era de que havia se fascinado pela única coisa que ele não tinha e que ela esbanjava: cultura. Uma cultura profunda, clássica, que a fazia parecer jovem e sedutora, convertendo os quase vinte anos que os separavam em mero detalhe.

Steven era bonito, alto, atlético, ruivo e tagarela. E, apesar da idade, minha mãe encarnava tudo o que um irlandês podia esperar da beleza espanhola: cabelo castanho ondulado, olhos escuros, pele tersa e sem rugas, uma silhueta impecável, mantida graças às horas na academia, e uma maneira de andar que parecia que ninguém no mundo seria capaz de detê-la.

Ainda assim, ela era minha mãe. E desde que meu pai desaparecera quando eu ainda era menino, nunca a havia visto se apaixonar desse jeito.

A situação era, portanto, um pouco incômoda para mim.

— Você, mais que ninguém, deveria entendê-la — analisou Susan Peacock, com precisão psicanalítica. — Faz tempo que sua mãe foi declarada viúva. Ela é uma mulher livre.

— Livre e saidinha. Quase não a vejo em casa.

— E vai ver cada vez menos. Hoje ela ia provar o vestido de noiva na De Stafford. Vai passar o dia fora.

— Sério? — Franzi a testa. — Ela não me disse nada.

— Porque sabe que isso o incomoda, David. Admita. Faz anos que seu pai foi dado como morto. Você é órfão, e ela pode fazer o que tiver vontade.

— Isso eu entendo, mas...

— Vamos, pare — interrompeu, encerrando meu protesto. — Aceite minha proposta, com ou sem acompanhante. Vá à Espanha. Perca-se alguns dias em Madrid. Tente entrar em contato com esse colecionador. E, quando relaxar de vez, busque novas amizades, música, comida... sei lá. Esqueça por algumas semanas sua mãe, o namorado dela, o trabalho, a tese e este bendito país onde nunca para de chover. Isso lhe fará bem, e você poderá seguir a máxima dos filósofos.

— Ordem? Que ordem? — resmunguei.

— *Nosequeipsum*. Me dê um desconto! Sou de exatas.

— *Nosce te ipsum* — corrigi, contendo a gargalhada. — Significa “conhece a ti mesmo”.

— Pois é! Você já é grandinho para fazer isso, não acha?

A melhor amiga de minha mãe estendeu, então, a mão, com dedos ossudos e compridos, até a bolsa que deixara junto à máquina de café, e tirou dali um livro encadernado.

— Sabe o que é? — Ela o balançou sobre a cabeça.

— Claro. Minha tese. — Fazia dias que Susan estava andando com aquilo. Eu a vira ler nos tempos livres nos jardins do campus, então não estranhei que fosse isso. — *Uma aproximação às fontes intelectuais de Parmênides de Eleia*.

— Não. É muito mais que isso. É a causa de sua apatia — disse, como se proferisse um diagnóstico clínico. — Além do dr. Sanders e seu tribunal de papagaios, devo ser o único ser humano do planeta que leu este calhamaço a que você dedicou quatro anos de vida. Quatro anos! Quase mil e quinhentos dias sem sair da biblioteca e forçando a vista nessas bases de dados horríveis. Não vê? Você está se acabando, David; se deixou levar pelo que seus antepassados esperavam de você. Virou um homem sábio, metódico e correto.

— E parece que um pouco tedioso também.

— Exato, querido. Você está perdendo o fogo da paixão. Ou começa a se mexer e prova o que é capaz de fazer por si mesmo, ou vai se embalsamar vivo...

— Você já me dá por perdido?

— Claro que não. Aliás, aqui mesmo, na própria tese, encontrei uma ponta de esperança — sussurrou, folheando com avidez aquele volume. — Que loucura foi essa de se fechar nas cavernas de Dunmore durante dois dias e duas noites?

Seu olhar derramava toneladas de mordacidade sobre mim. Referia-se a algo que, de fato, eu contava em um apêndice do trabalho. Era o relato em primeira pessoa sobre o que passou em minha mente durante as quase quarenta e oito horas de escuridão e jejum que vivenciei em uma gruta cárstica, tentando emular as jornadas de isolamento extremo a que o filósofo Parmênides e seus discípulos se submetiam. Esse talvez tenha sido meu único vestígio de pesquisa de campo. De movimento. O que os seguidores de Parmênides buscavam em lugares como esse – ou isso diziam os textos que estudei até lhes extrair a alma – era comunicar-se com os deuses e receber deles sabedoria infinita. No entanto, o que consegui ao imitá-los (em um ataque de loucura) não foi nada além de confusão. Fiz isso pensando em como meu avô teria ficado orgulhoso se me visse levar a cabo as lições de um dos pais da filosofia grega, mas também com a estúpida esperan-

ça de averiguar nesse “outro mundo”, o das fantasias febris do anacoreta, algo sobre o paradeiro de meu pai. Sei lá. Um vislumbre místico. Um sinal. Um vocábulo. Algo que o trouxesse à vida, além do punhado de fotografias ruins que eu guardava dele.

Fracassei, claro.

A única coisa que eu acreditava ter levado daquelas horas de penumbra foi um medo de lugares escuros e a sensação de que, a cada vez que fechasse os olhos, cairia nos piores horrores que meu subconsciente pudesse criar.

Já haviam se passado dois anos daquilo e, desde então, eu não conseguira dormir uma noite completa como antes.

— O que você conta aqui é coisa de louco — prosseguiu Susan, com ar inquisidor, percorrendo parágrafos com seus dedos ossudos. — Pelo menos está escrito com muito talento.

— Obrigado — murmurei, surpreso.

— Você deveria se dedicar a isso... Seria um grande romancista. Como seu avô.

— Romancista... — resmunguei. — Não comece, por favor. Eu já falei mil vezes para minha mãe e para você que não tenho motivação suficiente para passar metade da vida sentado em frente a uma página em branco. Além disso, você sabe perfeitamente que todo mundo me compararia com ele.

Susan estalou a língua.

— Não se engane, querido. A motivação para escrever um bom livro vem de ter algo importante para contar. Vá à Espanha. — Ela regressou teoz à ideia. — Respire novos ares. Busque o livro de Caramuel. E aproveite para ver suas raízes. Todos nós, salvo se formos estúpidos ou cegos, acabamos encontrando coisas importantes em nossa própria história. E então escreva, escreva e escreva. Escreva tudo. Bem ou mal. Não importa. Escreva enquanto busca esse livro antigo ou enquanto se diverte. Dá no mesmo. Quem sabe, nesse caminho, organizando os pensamentos e os lugares que visitar, você não encontra algum tesouro... ou até acaba compreendendo sua mãe.

— Vai ser mais fácil encontrar um tesouro.

— Nisso nós estamos de acordo. — Sacudiu a cabeça, deixando que as madeixas louras balançassem sobre o rosto fino. — É tão teimosa quanto seu avô. Ontem mesmo, não parou de insistir até me convencer a entregar isto a você — disse, brandindo um envelope retangular que tirou de dentro da tese, como o coelho que sai da cartola do mágico. — Eu não queria, achei que seria muita imposição. Ao mesmo tempo, quando me lembrei do que o departamento de aquisições da Old Library tinha ouvido na semana passada a respeito desse *Primus calamus*, interpretei como oportuna coincidência e decidi lhe entregar.

— Ela mandou isso para mim? O que é?

— Uma passagem de avião, primeira classe, para você ir amanhã mesmo a Madrid.

— Amanhã?

Os olhos dela brilharam.

— Quer dizer que é outra cilada de minha mãe?! — protestei. — E você ainda fez papel de cúmplice.

Susan Peacock fingiu se sentir culpada. Vi como suas bochechas coravam ligeiramente e ela baixava o olhar para o chão.

— Não entenda assim, David. Ela só me disse que queria lhe dar um presente por terminar a tese. — Pigarreou.

— E por que ela mesma não me entregou?

Os olhinhos brilhantes daquela mulher miúda e ética se levantaram de novo.

— Disse que sou sua chefe e que vindo de mim você não vai recusar...

— Pois sempre pensei que você estivesse do meu lado.

— E estou, David. Não gosto de ver vocês discutindo. Considere o presente dela como um gesto de boa vontade. Além do mais, isso do livro de Caramuel parece bem promissor. Não seja tonto, aceite de uma vez.

A passagem de avião não foi a única coisa que Susan Peacock me entregou naquela manhã. Gloria, minha mãe, como de costume, se ocupara de tudo para tornar a proposta irresistível. Junto com o cartão de embarque, encontrei uma reserva para um hotel de luxo no centro de Madrid e algumas linhas escritas de próprio punho no verso de uma velha foto de nosso álbum familiar.

“Assim você se lembrará de onde vem. Boa viagem, filho.”

Aquilo tinha algo de enigmático. Um humor próprio, inconfundível em uma pessoa tão dada aos duplos sentidos e a brincar com as palavras quanto ela.

É que Madrid, caso eu ainda não tenha mencionado, é minha terra natal.

A foto que ela havia escolhido fora tirada às portas de uma igreja madrilenha muito tempo atrás. De fato, era o único retrato de que me lembrava em que posava com meus pais e em que os três parecíamos felizes. O fotógrafo o tirara na saída de meu batizado. Minha mãe, lindíssima, me segurava enrolado em um xale de crochê. Meu pai, à direita, olhava para o céu, ensimesmado. Era um senhor de óculos escuros, alto, ereto, porte de cavalheiro de antigamente, de cabelo cacheado escuro e uma barba rala muito bem-feita. Vestia um terno cinza de corte clássico e gravata combinando, com a ponta do lenço aparecendo no bolso superior do paletó.

Nessa foto, aparecíamos pequeninos. Já desbotada, havia sido tirada do outro lado da rua para captar a fachada da igreja. Suponho que em 1980 as

fotos profissionais ainda fossem um luxo para um casal jovem, então era preciso aproveitá-las ao máximo. Parecíamos os três últimos humanos do planeta posando sob uma edificação de aspecto tão desolador quanto monumental. Aquele frontispício era, sem dúvida, o de uma igreja fora do comum. Nem gótica nem barroca. O certo é que nem sequer parecia espanhola. Tratava-se de um edifício triangular, nórdico, de perfil metálico ladeado por dois campanários de aspecto vagamente piramidal.

“Assim você se lembrará de onde vem”, voltei a ler. E, abaixo, com letra mais antiga, a lápis, talvez de meu pai, alguém havia anotado: “Igreja do Santíssimo Sacramento, Madrid. Batizado de David”.

Acaricieei perplexo aquela cartolina velha, o cartão de embarque e a reserva do hotel. Fui tomado por uma sensação estranha. Acabava de me dar conta de que *Primus calamus*, em especial seu terceiro volume, chamado *Metamétrica*, era uma estranhíssima obra da época de Calderón de la Barca, cheia de jogos de palavras, tipografias raras, enigmas, desenhos de labirintos e ambiguidades à altura de uma mente como a de minha mãe. Se na época existissem as fotografias, com certeza o autor teria incluído uma como essa entre as páginas. Para despistar.

Na mesma tarde, sem nada a perder, decidi fazer as malas. Coloquei três camisas polos, duas calças de algodão, duas camisas sociais, uma jaqueta e roupas de banho. Acrescentei um Kindle carregado de livros que, intuía, não ia ler, óculos de sol, um chapéu-panamá, meu notebook e uma difusa lista de contatos na Espanha.

“Escreva, escreva e escreva!”

A ordem de Susan retumbou em meu cérebro, obrigando-me a pegar também um caderno de anotações.

2

Houve um tempo em que eu quis ser como meu avô.

O capricho, na verdade, durou pouco. Foi tão efêmero quanto meu desejo de me tornar astronauta ou super-herói. Naquela úmida tarde dublinense de julho, porém – a da passagem para Madrid, da mala feita às pressas e da urgente ordem de Susan para que eu comesse a escrever de uma vez por todas –, foi algo que regressou entre minhas lembranças.

Meu avô José passou a vida rabiscando páginas. Estava sempre em um cômodo que cheirava a pacotes de sulfite recém-abertos, como se tivesse medo do mundo “real” e só se sentisse a salvo rodeado de suas criações, no silêncio de seu escritório.

Claro que ele nunca me disse exatamente o que fazia lá. É provável que tenha pensado que eu não entenderia. Ou não soubesse me explicar. Ou talvez tenha achado que era melhor o pequeno da casa crescer alheio a esse estranho redemoinho de sensações, a esse arrebatamento íntimo que experimentamos ao gestar um texto. “Escrever é um ofício perigoso”, murmurava às vezes nas longas conversas à mesa, após os almoços de fim de semana, quando algum de nós perguntava sobre seu trabalho. “Imaginar personagens expõe você a mentes alheias”, acrescentava, queixoso. “Você ouve vozes que sussurram coisas. Vê o que outros não veem, e fica difícil não enlouquecer. Além do mais, existem essas sombras... que tentam por todos os meios nos afundar no nada e roubar o fogo invisível da criatividade.”

“Que sombras?”, eu perguntava.

Ele, então, me fazia um cafuné, bagunçava meu cabelo com sua mãozona e se calava.

Em um desses remotos dias, quando eu ainda acreditava que poderia ser como ele, deixou entrever algo sobre a natureza de seu trabalho que me fez estremecer.

Foi por acaso. Meu avô me pegou no pulo.

— Quer dizer que você gosta de me espiar? — resmungou ao me descobrir agachado debaixo da escrivaninha em que ele trabalhava. Por sorte, ele nunca soube que eu o ouvia passar a limpo o manuscrito de seu romance *A alma do mundo* desde a sexta-feira anterior. — Que diabos você acha que vai encontrar aí embaixo?

Meu avô, que tinha olhos enormes e sobrancelhas brancas e hirsutas que arqueavam enquanto falava, me fuzilou com o olhar. Parecia irritado.

— Eu, eu... — balbuciei, tossindo. — Eu não...

— Saia daí. Vamos.

— Eu... — repeti, paralisado, prestes a chorar. — Eu só queria saber de onde você tira suas histórias, vô!

Minha desculpa, lembro bem, o deixou pasmo. Ele me obrigou a repetir aquela frase algumas vezes e esfregou os olhos, não sei se surpreso ou consternado.

— Como assim, “de onde eu tiro minhas histórias”? — reagiu, por fim.

Dom José Roca agitou os dedos sobre o teclado de sua velha máquina de escrever e, pensativo, permitiu que minha pergunta pairasse pelo ambiente durante alguns segundos. Depois, suas pupilas relampejaram. Então, destro-

çando o ar de gravidade em que costumava se envolver quando escrevia, soltou uma gargalhada.

— Isso que você está perguntando é um mistério, mocinho — clamou, repentinamente se divertindo. — É o segredo mais precioso de um escritor! Meu segredo!

Sua irritação havia se dissipado por completo, como às vezes faziam as tempestades de verão sobre as falésias de Moher. Para meu alívio, ele se levantou da cadeira, se afastou de onde eu ainda estava de cócoras e passou pelo aposento balançando seu enorme corpo em direção à estante mais próxima.

— Diga-me, David, quantos anos você tem?

— Nove. Quase dez — respondi.

Com um gesto, ele me obrigou a sair do esconderijo.

— Bem, bem. Você já é quase um homem. Como não percebi? Quando fizer dez, vai ler este livro e buscar por si mesmo de onde vêm as histórias — acrescentou, estendendo-me um volume com capa de couro. — Assim você nunca esquecerá o segredo de um bom relato.

— É para mim? Sério, vô? — eu disse, emocionado com o presente.

— Seríssimo, juvenzinho. Mas você tem que me prometer que vai ler.

— Se eu ler, vou poder caçar histórias como você faz?

Meu avô voltou a rir, provavelmente imaginando a si mesmo caçando contos como se fossem borboletas.

— Isso vai depender de seu empenho — sussurrou. — Escrever é buscar. Um dia você vai entender. Se você se tornar escritor, vai passar a vida buscando. De fato, nunca deixará de fazer isso. Jamais.

— Buscando o quê, vô?

— Tudo!

O volume que ele me entregou naquela tarde era uma velha edição de *O estranho misterioso*, de Mark Twain. Na realidade, tornou-se o primeiro da pequena coleção que ele me daria até o dia de sua morte, já há mais de uma década.

Aquele, entretanto, sempre foi o mais especial. Parecia uma autobiografia romaneada, um disfarce atrás do qual o pai de Tom Sawyer se apresentava como uma espécie de anjo que aparecia para alguns garotos — clara metáfora de seus leitores —, aos quais revelava os segredos que mais lhe convinham. O estranho, sem dúvida, tinha muito do próprio Twain. E também algo que não era ele. Havia em seu personagem um aspecto sinistro, talvez maligno. Anos mais tarde, eu descobriria que Twain acreditava ter despencado do céu durante a passagem do cometa Halley, em 1835. E não dizia isso brincando. Nascera em novembro daquele ano. Gabava-se disso sempre que tinha chance. Obviamente, ninguém levou aquela anedota a sério, até que, por um acaso cósmico, Mark Twain faleceu

justo com o retorno de seu querido viajante celestial, em 1910. Evidentemente, foi levado pelo mesmo cometa que o trouxera.

Então, ele foi mesmo um enviado do céu?

A dúvida se incrustou em minha mente infantil.

Nas primeiras páginas de *O estranho misterioso*, ele mesmo definia seu protagonista – um estrangeiro proveniente de nenhuma parte, capaz de se adiantar ao tempo e que tratava os humanos como bonequinhos de um presépio – como um “visitante sobrenatural vindo de outro lugar”. E justo essa linha havia sido sublinhada com lápis vermelho por meu avô.

Foi a única marcação que encontrei no livro.

Visitante? Que diabos isso queria dizer? Que Twain se sentia um marciano? Um anjo caído, talvez?

Minha imaginação voou.

E meu avô? Será que também era um deles?

Perguntei a ele, é claro. Como resposta, porém, só obtive um punhado de evasivas que na época não entendi.

— Tome cuidado com os estranhos misteriosos, David. Eles são terríveis. Estão sempre à espreita. Sempre.

O sabor daquela leitura ficou marcado para mim durante anos. Uma acidez estranha, penetrante, que se multiplicou quando eu soube que esse livro foi o último que Twain escreveu. Por culpa dele, passei a adolescência inteira questionando-me sobre coisas absurdas. Perguntas que, covarde, já não me atrevi a transmitir outras vezes a meu avô.

Será que ele também se sentia assim?

Um estranho de outro mundo.

Twain e ele tiravam suas histórias desses “outros lugares” de onde acreditavam vir?

Seria essa sua fonte secreta?

Não é de estranhar que, depois de ler o bendito romance mais algumas vezes, eu tenha chegado à conclusão de que os escritores são observadores do invisível. Seu trabalho, quando é nobre, consiste em atuar como intermediários entre este mundo e os outros.

A vida de alguns autores confirmou essas suspeitas. Philip K. Dick, por exemplo, não teve receio de admitir que havia pisado nesses “outros mundos”. Edgar Allan Poe tampouco. De repente, percebi que meus autores favoritos comungavam com essa ideia. Admitiam sem problemas que a dimensão invisível a partir da qual se inspiravam, longe de ser mera invenção, era tão infinita e real quanto as estrelas do Universo.

Acho que foi por isso que sempre tive tanto respeito pelo ato de escrever... e por isso o evitei durante tanto tempo.